

Ao lado, o desconhecido

"A mentira é essencial à humanidade. Ela desempenha entre nós um papel tão grande, talvez, quanto o da procura do prazer, e, de resto, é comandada por essa procura. (...) Mentimos durante a vida toda, e sobretudo, e talvez somente, àqueles que nos amam."

(Proust, Em Busca do Tempo Perdido)

Imagine um homem, quase chegado aos seus 40 anos, tendo que redesenhar a história de sua vida inteira. Foi o que aconteceu com o protagonista desta história, um bem-sucedido escritor infanto-juvenil chamado Gianni Orzan.

Tudo começou quando ele estava saindo de uma cerimônia de premiação e encontrou um taxista clandestino. Precisando voltar logo a Roma, sua cidade, Gianni entra no carro do sujeito, mesmo achando-o algo esquisito e bufão. Mas eis que o estranho revela saber detalhes íntimos da vida do narrador, ao comentar com este que Franceschino finalmente havia aprendido a andar de bicicleta. O escritor, pai de um Franceschino que justamente acabara de dar as suas primeiras pedaladas, fica obviamente aterrorizado. Imagina que o taxista seja um maníaco e que sua família será vítima de um seqüestro ou coisa parecida. Foge do táxi em desespero e, assustado, decide ir com a mulher e o filho para a casa dos pais dela, na praia.

Quando Gianni resolve voltar sozinho a Roma e enfrentar a situação, a burlesca (*felliniana*, diríamos) figura do taxista aparece de novo - só que à porta da sua casa e trazendo um gordo lanche para os dois. Abrindo o jogo, ele se diz agente secreto e amigo de uma vida toda do recém-falecido pai do escritor. Pai esse que, revela o estranho, nunca foi o general fascistóide e católico fervoroso com quem o filho nunca conseguia discutir assuntos políticos sem partir para a guerra verbal. Era, isto sim, um espião russo de alta elite, comunista dos legítimos, que foi para a Itália após o fim da Segunda Guerra incorporando a identidade de um prisioneiro italiano morto (por ele!). Sua missão ultra-secreta e estratégica era fazer a carreira militar e se manter infiltrado na Itália em uma alta patente.

Gianni resiste até o fim em aceitar a história, que lhe parece totalmente absurda. Não é de estranhar a sua relutância. Afinal, as revelações bombásticas sobre

quem realmente foi seu pai o fazem acordar à força para a complexidade da vida, a falsidade de várias aparências que nos rodeiam, a zona cinzenta entre as diferentes verdades às quais cada um de nós se agarra e o caráter relativo de tantas condutas humanas.

Após um primeiro momento de choque e negação, o protagonista começa a ver por outro prisma vários capítulos de sua vida. Da relação complicada com o pai (algo que lhe rende culpas desde sempre, mas principalmente depois da morte deste) às viagens da família durante a sua infância, passando até pela real opinião de seus amigos sobre sua própria pessoa. *"Eu sou o homem, está escrito, que atravessa todo dia, durante dez anos, um cruzamento perto de sua casa e não vê que há uma placa de preferência"*, constata ele, desolado, após bater com a sua vespa num táxi - episódio ocorrido não por acaso no auge do seu turbilhão existencial.

Em outra passagem bastante simbólica do livro, Gianni se lembra de um casal vizinho no prédio. O homem era do tipo motoqueiro; a mulher, toda séria e médica. Algo envergonhado, o escritor se lembra de quando viu pessoalmente a mudança dela e dos filhos sendo levada embora e deduziu imediatamente que a culpa só poderia ser do marido. Para ele, aquele motoqueiro insolente e tatuado devia estar se divertindo com a amante enquanto a santa mulher se dedicava ao trabalho e aos afazeres do lar. E qual não foi a surpresa de Gianni ao ver a referida ex-mulher do vizinho em um aeroporto de braços dados com o médico-chefe do hospital em que ela trabalhava! Sim, nem tudo é o que parece. E mesmo que às vezes seja, simplesmente não podemos julgar certas coisas - muito menos de forma simplória.

O crescimento do narrador como ser humano vai se evidenciando ao longo da trama, de forma tocante e envolvente para o leitor. O novo Gianni Orzan que nasce desse episódio certamente não culparia nem o vizinho motoqueiro (caso este tivesse realmente uma amante) nem a sua ex-mulher (por ter se apaixonado

pelo tal médico-chefe enquanto ainda estava casada). Primeiro porque eles têm as suas razões, que os outros jamais conhecerão totalmente. Segundo porque não é sensato querer aplicar leis morais absolutas e imutáveis - além de quase sempre discutíveis - a assunto tão delicado, complexo e relativo como o relacionamento humano. O próprio casamento do escritor, que ele descreve a princípio como a união mais feliz que se possa imaginar, mostra-se mais tarde estar algo longe disso.

Mais um duro choque de realidade (na verdade, de humanidade) na vida de Gianni Orzan. Com esse livro bastante bem-escrito e empolgante, Sandro Veronesi ganhou dois dos principais prêmios de

literatura da Itália, o *Viareggio* e o *Campielo*. O autor já é considerado pela crítica o maior jovem talento da literatura italiana.

Nesse romance em específico, o texto traz também várias referências - nada gratuitas, registre-se - a astros do cinema americano, cenas de filmes e personagens de desenho animado. O próprio nome do livro, *A força do passado*, foi inspirado no título de uma poesia de Pier Paolo Pasolini, que Orson Welles lê no filme *A ricota* (do próprio cineasta italiano). Mais um toque de dinamismo e pós-modernidade a essa obra. 📖

A força do passado

Sandro Veronesi

Editora Rocco / 216 págs.

Trecho da obra

"Eu sempre ouço o que as pessoas dizem entre si enquanto deixam a minha casa - sibilou, apontando com um olhar o interfone pregado à parede. A mim pareceu uma coisa horrórida, de maníaco; mas, só Deus sabe por quê, eu fiz: enquanto ele continuava a fitar-me daquele jeito peguei no interfone e fiquei à escuta - e por isso agora posso lhes dar um grande conselho: nunca façam isso. Nunca ouçam às escondidas o que dizem as pessoas que estão saindo da casa de vocês.

(...) Bem, não era verdade que tinham problema com a babá, simplesmente não agüentavam mais ficar em nossa companhia. Ele a cumprimentava por ter encontrado uma boa desculpa, e quando devia estar bem diante das campainhas, já que sua voz estava muito alta, ouvi ele dizendo que eu era ridículo porque pela quinquagésima vez tinha contado uma anedota de quando estava no colégio militar. Havia chumbo também para meu agente, por ela definido como um 'parasita', e para sua namorada ('não fede nem cheira'), e as vozes tinham se dissolvido enquanto os dois, absolutamente concordes, chamavam de pães-duros a mim e a Anna porque, com o montão de dinheiro que eu havia de ter ganho graças a Pizzano Pizza, continuávamos vivendo naquele apartamentinho mal-ajambrado, com linóleo no chão, as cadeiras desemparelhadas, e sem elevador. Só

Franceschino se salvou, mas talvez o tenham justificado quando já estavam longe demais para que eu pudesse ouvi-los.

Custa-me muito relatar esse fato, é penoso, mas acredito que seja importante: aqueles dois eram meus amigos, e o fato de que pudessem falar daquele jeito de mim, de minha mulher, de minha casa e de meus convidados deixou-me muito abalado. Por outro lado, deixando para lá a história do dinheiro (estou longe de ter ganhado um montão de dinheiro), não dá pra afirmar que tenham dito coisas falsas: conto freqüentemente anedotas que já contei, meu agente vive de porcentagem sobre os honorários alheios, sua namorada é uma moça lindíssima mas de fato sua conversa não é brilhante, e nossa casa realmente precisaria de uma bela ajeitada.

Só que nunca teria imaginado que logo eles dois reparassem nessas coisas, depois de tantos anos que nos freqüentamos, e sobretudo que as dissessem entre si com aquele tom despeitado, fugindo com uma desculpa depois do jantar por não agüentarem mais. São coisas que desnorteiam."





Reprodução

A coletânea reúne três livros de contos de Primo Levi: *Histórias naturais* (1966), *Vício de forma* (1971) e *Lilith* (1981). Judeu sefardita nascido em Turim no ano de 1919, ele sobreviveu a Auschwitz, o campo de concentração onde milhões foram mortos pelos nazistas na Segunda Guerra. É dele um dos

mais extraordinários testemunhos do horror do Holocausto: *É isto um homem?*, publicado em 1947.

O químico de formação que o nazismo fez revelar-se escritor já era consagrado quando lançou *Histórias naturais*, livro de contos com temática próxima à ficção científica. O estranhamento da crítica foi geral: parecia que o autor estava condenado a repetir eternamente os horrores de Auschwitz, não sendo admissível que se dedicasse a qualquer outro tema.

Desde quando ganhou um microscópio aos 15 anos, Levi se encantou pela ciência. A “necessidade aguda de clareza e racionalidade” seria para sempre a marca desse escritor - coisa que ele costumava afirmar não ser propriamente, por não ter o dom de criar. Químico que era, dizia que apenas reconhecia os elementos existentes e os recombinava para produzir novas substâncias.

A constatação geral do autor nos contos é a de que não só a ciência pode conter em sua essência um

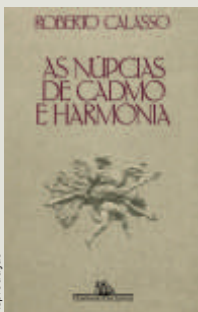
princípio de irracionalidade como a própria história se mostra por vezes alheia às intenções de progresso: a barbárie emprega os instrumentos da razão. Partindo dessa premissa incômoda, Levi usa a imaginação para sondar sombrias perspectivas: a possibilidade de desastres ecológicos, a crescente indistinção entre homem e máquina, a substituição da realidade sensível por uma virtual pré-fabricada, entre outras.

Tendências já visíveis na sociedade moderna são apontadas de forma exagerada, para que o leitor melhor as perceba. As fábulas trazem máquinas como o Versificador, por exemplo, engenhoca capaz de socorrer os poetas em momentos de falta de inspiração. Já o Mimete é capaz de duplicar com perfeição papéis, imagens, corpos sólidos e até seres vivos. Além das máquinas, os animais também poderiam ser adestrados para alcançar eficiência superior à humana. Em um dos contos, as galinhas revelam-se perfeitas para as tarefas de um departamento de censura.

Guardadas as diferenças, é como se a desumanização aberrante vista pelo autor no campo de concentração tivesse de algum modo se expandido para a esfera da vida cotidiana, com a destruição paulatina do homem como sujeito.

71 contos de Primo Levi

Traduzidos por Maurício Santana Dias
Editora Companhia das Letras / 523 págs.

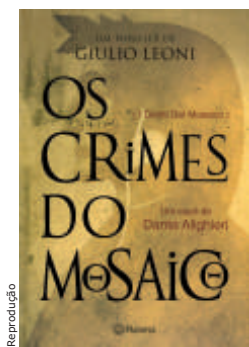


Reprodução

A cena do rapto da princesa Europa por Zeus, este sob a forma de um touro branco, inaugura a singular narrativa desta obra. Mistura de ficção, reflexão histórica, ensaio, mitologia e análise sobre a contemporaneidade através dos mitos, *As núpcias de Cadmo e Harmonia* é um romance inovador.

O tema da mitologia pode ser muito bem definido pela frase do historiador latino Salústio - que abre o livro: “Essas coisas não aconteceram nunca, mas existiram sempre”. Desdobrando livremente essa citação, podemos

pensar nas razões que fazem com que os mitos gregos nos toquem tanto - ou seja, “existam”. Uma delas é que os mitos são formados por ações que incluem em si mesmas o seu oposto, sua alteridade, sua face oculta. O herói mata o monstro, mas esse gesto faz com que o contrário também possa ser afirmado: o monstro mata o herói. O herói rapta a princesa, mas por isso mesmo percebe-se que, de certa forma, o oposto não deixa de ser algo verdadeiro: o herói também abandona a princesa, pois parte da sua condição heróica se esvai nessa atitude. Esse aparente paradoxo faz da mitologia uma amostra das contradições humanas que tanto nos fascinam - embora fale de deuses.



Numa noite do ano de 1300, um mestre mosaicista é assassinado de maneira pavorosa e cênica aos pés de uma gigantesca obra sua, inacabada. Cabe ao poeta Dante Alighieri, há poucas horas nomeado prior de Florença, a tarefa de desvendar o crime. Para isso, ele deverá penetrar na realidade estranha e perigosa que se esconde por

baixo do mundo iluminado daquela capital da arte e da cultura.

O autor de *A Divina Comédia* aparece claramente inscrito sob o signo das mudanças de sua época, a fronteira entre a Baixa Idade Média e o começo do Renascimento. É um homem de grande fé e temente a Deus, mas interpreta tudo sempre através do que chama de “(...) a luz da razão que, se corretamente guiada pela virtude e pelo conhecimento, não erra nunca”.

Além disso, o poeta é em parte destituído de sua imagem etérea de mito por meio de um forte (e, em várias passagens, divertido) perfil: um homem poderoso, amargo, obstinado pela justiça, teimoso, algo carola, impulsivo, perspicaz e genial. E sem qualquer medo de parecer inconveniente ou mesmo

herege a certos poderes constituídos, entre os quais um odioso inquisidor enviado por Bonifácio VIII - o papa então a caminho do poder absoluto, com planos de subjugar a cidade de Florença.

Decidido a investigar a fundo a intrigante história do assassinato, Dante começa a enxergar em vários lugares indícios da ligação entre o crime e uma seita de sábios que se reúne regularmente em uma obscura taberna local - onde se apresenta uma misteriosíssima dançarina que irá mexer com os alicerces emocionais do poeta e desempenhar depois um papel crucial na história. A partir daí, começa a luta incansável de Dante para juntar as peças desse quebra-cabeça.

Empolgante na narrativa e realista nos dados (a não ser quando o poeta fala na Itália, mais de quinhentos anos antes de esse Estado haver se consolidado), o livro traz também alguns ótimos diálogos entre os personagens. O enredo é também recheado de minuciosas descrições do cotidiano e das paisagens da Florença do trecento: um verdadeiro prato cheio para quem quer saber como eram as cidades-Estado toscanas; como seus habitantes comiam, se vestiam ou exerciam as suas crenças e ações políticas.

Os crimes do mosaico

Giulio Leoni

Editora Planeta / 384 págs.

Segundo consta na tradição, as núpcias de Cadmo e Harmonia foram a última ocasião em que os deuses sentaram-se à mesa para festejar a vida junto com os humanos. Tudo o que aconteceu nos tempos imemoriais antes disso deu origem à imensa árvore da mitologia grega. No presente romance, uma espécie de sopro torna a sacudir os ramos dessa árvore. Diante dos olhos do leitor, começa a se desfiar uma série de raptos, paixões, infidelidades, estupros, assassinatos, suicídios, atos de loucura, ódio, histórias de sangue e muito erotismo. Acontecimentos que povoaram o Olimpo, morada dos deuses.

Com mais de 200 mil exemplares vendidos na Itália e com edições traduzidas para mais de 12 países,

Roberto Calasso transformou-se em um verdadeiro fenômeno literário. Baseado em fontes de conhecimento clássicas, mas fluente como um romance moderno, *As núpcias de Cadmo e Harmonia* reconstrói - até mesmo na forma narrativa - o ritmo hipnótico dos mitos gregos.

As núpcias de Cadmo e Harmonia

Roberto Calasso

Editora Companhia das Letras / 283 págs.